



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - FCI
CURSO DE GRADUAÇÃO DE BIBLIOTECONOMIA

JOACIMAR AMARAL DA SILVA

**O BIBLIOTECÁRIO EM TELA: A AVALIAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS
CONSTRUÍDOS EM PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS**

Brasília
2016

JOACIMAR AMARAL DA SILVA

**O BIBLIOTECÁRIO EM TELA: A AVALIAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS
CONSTRUÍDOS EM PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Dulce Maria Baptista

Brasília

2016



Título: O bibliotecário em tela: avaliação de estereótipos construídos em produções cinematográficas.

Aluna: Joacimar Amaral da Silva.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 15 de dezembro de 2016.

Dulce Maria Baptista - Orientadora
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Rodrigo Rabello da Silva – Membro
Professor da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutor em Ciência da Informação

Mriam Paula Manini – Membro
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciências da Comunicação

Dedico esse trabalho ao meu esposo Bismarck e às minhas filhas Keize e Naila,
sem os quais não seria possível a conquista deste sonho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me concedido experiências maravilhosas no decorrer desses anos, pela saúde e força para superar as dificuldades.

Ao meu esposo, que de forma carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades, pela paciência e compreensão. Agradeço as minhas filhas de forma muito especial, pois foram as responsáveis pelo meu ingresso na faculdade.

A minha mãe lida e minha sogra Eunice, pelo incentivo e apoio.

Aos meus irmãos pelas palavras de incentivo e a minha amiga Bianca que esteve sempre presente.

Aos amigos que conquistei ao longo desses anos, e que contribuíram para esta conquista.

Meus sinceros agradecimentos à minha orientadora Profa. Dra. Dulce Maria Baptista, pela ajuda no pouco tempo que lhe coube, e pelo excelente trabalho que tornou possível a conclusão desta monografia.

Aos professores da banca, Rodrigo Rabello e Mirian Manini e aos demais professores do curso, que foram tão importantes na minha formação acadêmica.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu eu muito obrigada.

RESUMO

A sétima arte contribuiu para a construção da imagem do bibliotecário ao longo dos anos, refletindo no estereótipo negativo dos dias atuais. Este trabalho centra-se nessa imagem limitativa do profissional por meio da análise reflexiva de filmes. Para tanto, no desenvolvimento do trabalho, foram contemplados os seguintes assuntos: escrita, imprensa de Gutenberg, surgimento da biblioteca, o profissional bibliotecário, sétima arte como formadora de opinião e o estereótipo do bibliotecário no cinema e seu reflexo na sociedade. A conclusão a que se chegou, após analisar os filmes, foi que, independentemente do período, predomina uma imagem estereotipada do bibliotecário predomina. Recomenda ao bibliotecário uma postura mais atuante junto à sociedade, a fim de tonar conhecido o trabalho que desenvolve, de forma a conquistar seu espaço como profissional, bem como a desconstrução desse modelo preconcebido.

Palavras-chave: Estereótipo profissional. Imagem do bibliotecário. Cinema.

ABSTRACT

Over the years, Cinema has contributed to the development of Librarians' representation, resulting in the stereotype of nowadays. This work focuses on this limiting image of the professional by a reflective analysis of films. Therefore, during the development of this work, the following topics were considered: the art of writing, Gutenberg's press, the emergence of libraries, the librarian himself, the cinema as an opinion maker and the stereotype of the librarian in it as well as its reflection in the society. After analyzing the movies, it is possible to conclude that, regardless of the period, the stereotyped image prevails. In order to make the society know more about librarian's role and services, it is recommended that this professional takes a more active attitude towards it and establishes himself as an information professional.

Keywords: Professional Stereotype. Librarian Image. Cinema.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Le nom de la Rose	25
Quadro 2: Agora.....	26
Quadro 3: Storm center	27
Quadro 4: Ghostbusters	29
Quadro 5: Robot and Frank.....	30
Quadro 6: Soylent green	32

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	FORMULAÇÃO DO PROBLEMA	12
1.2	OBJETIVOS	12
1.1.1	Objetivo Geral	12
1.2.2	Objetivos Específicos	13
1.3	JUSTIFICATIVA	13
2	REVISÃO DE LITERATURA	15
2.1	ANTECEDENTES DA ESCRITA	15
2.2	SURGIMENTO DA BIBLIOTECA	17
2.3	O PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO	18
2.4	O CINEMA: BREVE HISTÓRIA	20
3	METODOLOGIA	22
3.1	TEMÁTICA E PASSOS DA PESQUISA	22
3.2	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	22
4	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	24
4.1	O NOME DA ROSA	24
4.2	ALEXANDRIA	26
4.3	NO DESPERTAR DA TORMENTA	27
4.4	OS CAÇA – FANTASMAS	28
4.5	FRANK E O ROBÔ	30
4.6	NO MUNDO 2020	31
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

O cinema surgiu com caráter documental no século XIX, mas no início do século seguinte passou a ser considerado entretenimento, tendo seu significado sido ampliado também para as salas de exibição (Rocho, 2007). Na década de 1950, a televisão surge como meio de lazer concorrente, a qual começa a se popularizar e, portanto, o cinema teve de se adaptar a essa nova realidade. Já coexistindo com a televisão, a sétima arte foi reconhecida como um dos maiores veículos de divulgação da informação e de entretenimento. Por atingir uma abrangência muito grande de expectadores, o cinema passa a ter o poder de influenciar significativamente nas opiniões, nas informações sobre múltiplos assuntos, na criação de estereótipos, como também no inconsciente coletivo. Sendo assim, o cinema exerce, conforme Rocho (2007, p. 24) “(...) grande influência sobre o imaginário das pessoas, pois mais do que puro entretenimento, transmite uma mensagem”.

Nesse meio tão expansivo, criam-se narrativas ficcionais referentes a diversos meios sociais, núcleos pessoais, concepções comuns, as quais, inclusive, fomentam uma profunda relação com a realidade. O bibliotecário, bem como o seu ambiente de trabalho, presentes de alguma forma em enredos cinematográficos, têm sido aqui observados criticamente tanto pelo modo como as lentes focam a figura do profissional, como a sua atuação com o público.

Embora esteja claro que o cinema tem se ocupado da biblioteca, não parece ter se ocupado devidamente com a figura do bibliotecário. Este fato pode ser comprovado por filmes que serão mostrados mais adiante.

A imagem de cada profissional está vinculada ao que ele faz e isto não é diferente com o bibliotecário. A mídia cinematográfica veicula uma imagem estereotipada, baseada no antigo perfil dos profissionais da área. Em vista disso, o estereótipo do bibliotecário é transmitido com o intuito de manipular a opinião da sociedade, de modo a conseguir atrair a atenção da coletividade para os aspectos que se pretende destacar (WALTER e BATISTA, 2007, p. 29).

Apesar dos avanços da profissão, em que o bibliotecário vem assumindo novas funções e deixando de ser apenas o guardião de livros, ele continua sendo um profissional quase sem visibilidade perante a sociedade.

Buscar entender as causas do estereótipo é também buscar compreender os motivos que contribuem para que certa imagem negativa da profissão ainda permaneça arraigada na mente de muitas pessoas. Conforme Walter e Baptista (2007, p.27):

Não é desconhecido da maioria das pessoas, e dos próprios profissionais, que os bibliotecários estão comumente vinculados a diversos tipos de estereótipos como o de gênero, o de comportamento e o de imagem física (...) essas associações podem ser limitantes para uma profissão como a dos bibliotecários que ainda lutam pelos espaços de trabalho, pelo reconhecimento social e pela modernização de sua imagem. (...) os estereótipos costumam ser associados a conceitos negativos.

O que ainda tem sido um dos desafios desta profissão é expor seu valor para a sociedade.

O estereótipo negativo dos bibliotecários dificulta o recrutamento para a profissão; diminui o respeito que os grupos de usuários e de administradores manifestam pelos bibliotecários; inibe iniciativas individuais ou de grupos, e, por fim, atrasa o avanço da profissão. MORRISEY; CASE (1988), apud Walter e Baptista (2007).

As assertivas em questão baseiam este trabalho, o qual tem como propósito apresentar a imagem do profissional bibliotecário de acordo com a literatura e filmes cinematográficos e compreender a sua pouca visibilidade, bem como trazer à luz a importância dos serviços por ele prestados, pois, de acordo com Guimarães e Guarezzi (1994), apud Salgado e Becker (1998):

Divulga-se a biblioteca, estuda-se o usuário, dissemina-se a informação (...), mas não é tão comum divulgar-se a biblioteconomia, estudar-se o bibliotecário, disseminar-se a informação sobre a profissão.

No primeiro capítulo, explana-se a história do desenvolvimento da escrita e de seus suportes, buscando mostrar que mesmo em períodos tão remotos e com um número ínfimo de manuscritos já havia a necessidade de pessoas para organizar o que se produzia. Destaca-se o papel dos escribas, na manutenção e localização das cópias dos manuscritos e no monopólio da informação e seu acesso. Apresenta-se também a invenção da imprensa de Gutenberg, que revolucionou o modo de reproduzir e divulgar os manuscritos, como ela afetou a difusão dos livros, bem

como a emergência de um profissional para tratar de um acervo que crescia rápido em número de publicações.

De forma abrangente, o segundo capítulo aborda o surgimento das bibliotecas antes e depois da era cristã, bem como sua importância na preservação dos documentos.

No capítulo seguinte, explana-se a necessidade e a indispensável presença do profissional bibliotecário para organização, recuperação e disponibilização do registro do conhecimento.

No quarto capítulo, discorre-se sobre a evolução histórica do cinema e sobre sua influência social.

Em seguida, é apresentado o método de pesquisa utilizado para a realização deste trabalho, bem como uma breve reflexão, com base na análise dos filmes selecionados, e as considerações finais.

1.1 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Apesar dos avanços da profissão, o bibliotecário continua sendo identificado como um profissional sem grande visibilidade por parte da sociedade, e permanece sendo visto como aquele que zela pelos livros e organiza a biblioteca, mas alheio às questões sociais. Conforme Valentim (2000, p. 31), “(...) o bibliotecário, aos olhos da sociedade, denomina-se todo aquele que trabalha no espaço da biblioteca, independentemente da existência ou não de uma formação específica”. Diante disso, surge uma pergunta que nos faz refletir: as mudanças que estão ocorrendo na profissão incluem mudanças na visão que a sociedade e o cinema têm do bibliotecário?

1.2 OBJETIVOS

O trabalho propõe-se a atender ao objetivo geral e objetivos específicos descritos a seguir:

1.1.1 Objetivo Geral

Fazer uma reflexão sobre a imagem do bibliotecário a partir da produção cinematográfica.

1.2.2. Objetivos Específicos

- Identificar estereótipos do profissional bibliotecário presentes em produções cinematográficas;
- Analisar a visão do cinema acerca do bibliotecário;
- Identificar elementos que contribuem para a reflexão acerca da falta de reconhecimento da profissão.

1.3 JUSTIFICATIVA

O tema apresentado foi escolhido tendo em vista a pouca visibilidade do profissional bibliotecário, apesar de se tratar de uma atividade antiga. A primeira escola que ofereceu curso para a formação de bibliotecários no mundo, de acordo com Barros (2013), ocorreu no século XIX. Contudo, a prática bibliotecária já vinha sendo exercida antes mesmo da era cristã. Como exemplo, temos a biblioteca de Alexandria, criada aproximadamente em 280 a.C., onde o poeta Calímaco foi considerado como o primeiro a ocupar efetivamente o cargo de bibliotecário, sendo o criador do primeiro catálogo por assunto da referida biblioteca. Ele criou uma forma de organização do conhecimento registrado, cuja influência chegou até nossos dias (CANFORA, 1996).

Com a abundância de informações e o consequente crescimento das coleções nas bibliotecas, a profissão do bibliotecário se torna indispensável para organizar o acervo nos seus mais diversos suportes, permitindo que o usuário encontre o que precisa, pois, sem ele, a busca da informação desejada se torna bastante laboriosa, seja no meio físico, como nos livros, ou mesmo no meio digital, com as bases de dados. Apesar ainda hoje, da necessidade indiscutível de um profissional trabalhando nesses espaços informacionais, corroboramos a hipótese de que não lhe é atribuído o devido reconhecimento. Um dos reforços negativos da imagem do profissional está diretamente ligado à mídia cinematográfica. (MORENO; BASTOS, 2012). Conforme Silva (2009, p.32), “(...) o estereótipo tem influência na visibilidade da profissão e, de certo modo, contribui para a representação social do

bibliotecário”. Por esse motivo, pretende-se, com este trabalho, refletir criticamente sobre a problemática centrada na visão social do bibliotecário, buscando identificar o motivo do pouco reconhecimento do profissional.

Mas o que é estereótipo? Etimologicamente, a palavra estereótipo vem de dois termos gregos, *estéreos*, que significa sólido e rígido e *typos*, que significa tipo, impressão, figura, imagem, forma ou modelo. Conforme Wilson (1982 apud Walter 2008), o termo estereótipo denomina inicialmente a placa gravada sobre o metal para a impressão de imagens e textos por meio de prensa tipográfica, ou seja, um modelo fixo que não sofre muitas alterações.

Com o passar do tempo a palavra estereótipo veio se adaptando para um vocabulário mais corrente, até adquirir um sentido de generalização de certo grupo, seja profissional ou qualquer outra, que ajuda a reunir uma grande quantidade de informações sobre o indivíduo. (ROCHO, 2007). O estereótipo pode ser ainda entendido como,

(...) uma ferramenta cognitiva utilizada para categorizar na memória a pluralidade dos elementos sociais, com o objetivo de auxiliar a pessoa a organizar e compreender de forma menos complexa seu ambiente. (LEITE, 2009, p.6).

Por isso, é comum a mídia cinematográfica fazer uso do estereótipo a fim de propagar uma ideia ou vender um produto. (MORENO; BASTOS, 2012).

2 REVISÃO DE LITERATURA

No século XV, a invenção da imprensa, por Gutenberg, revolucionou o modo de escrever e a forma de reprodução de livros, dando origem à transição de manuscritos para impressos, contribuindo para maior volume da produção. A imprensa também foi a responsável pela difusão e popularização do livro. A partir desse período, houve a necessidade de ampliação do tamanho das bibliotecas e/ou construção de outras, como também a necessidade de um profissional com a atribuição própria de organizar todos os materiais. Essa função foi ganhando importância nas bibliotecas e, assim, cada vez mais tornando-se imprescindível nesse espaço.

A revisão de literatura apresentada a seguir contempla alguns assuntos importantes para a nossa reflexão, tais como: Antecedentes da escrita; Surgimento da biblioteca; Profissional bibliotecário; breve história do Cinema como formadora de opinião.

2.1 ANTECEDENTES DA ESCRITA

A escrita surgiu do esforço humano para consolidar sua comunicação e registrar os acontecimentos. Conforme Gomes e Mota (2007, p.11), ela “surgiu com o homem primitivo no tempo das cavernas, quando este começou a gravar imagens nas paredes”. Há milhares de anos, os seres humanos tiveram a necessidade de anotar as informações e, por isso, construíram progressivamente sistemas de representação de linguagem. De acordo com os autores, a escrita também foi desenvolvida para guardar os registros de contas e trocas comerciais e, posteriormente, o registro dos acontecimentos que envolviam a sociedade. Assim, ela foi se tornando um instrumento de valor incalculável para a disseminação de ideias e informações.

Conforme Medeiros (2009, sem página), a escrita teve seu início na região da Suméria onde atualmente encontra-se o Iraque. Cerca de 3.500 anos a.C., já se escrevia em plaquetas de argila, a chamada escrita cuneiforme. É, portanto, uma invenção decisiva para a história da humanidade, uma vez que ela é a

representação do pensamento e da linguagem humana por meio de símbolos. O autor relata que,

[...] através dos registros escritos, ficamos sabendo sobre o cotidiano, história, ciência, literatura e religião, enfim, ela nos deixou o legado de um patrimônio cultural das civilizações já desaparecidas. (MEDEIROS, 2009, sem página).

Com o surgimento desses símbolos, o autor menciona o estágio seguinte do desenvolvimento da escrita: o hieróglifo, pelos Egípcios, cerca de 2.800 a C. Desse modo, a escrita foi evoluindo com o passar dos tempos, assim como os suportes. Conforme Trindade e Martins (2006), o que antes era registrado em paredes, passou a ser em argila, pedra, bronze, couro, tábuas revestidas com cera, papiro, pergaminho, entre outros, e papel. Com o advento da escrita e dos suportes, foi possível atravessar a barreira do tempo e preservar informações sobre modos de vida de povos que viveram há milhares de anos.

Inicialmente a escrita era restrita a pequenos grupos de pessoas privilegiadas, que sabiam ler e escrever, como escribas, reis, sacerdotes e monges. Os escribas tornaram-se fonte de referência das leis e doutrinas que regiam a época. De acordo com Medeiros (2009, sem página), os manuscritos produzidos pelos escribas e copiados pelos copistas eram guardados na biblioteca dos mosteiros e dos palácios, aos quais somente a Igreja Católica e os reis tinham acesso. Esse procedimento assegurava à Igreja o monopólio quase total da informação. Conforme o autor, a Igreja deteve sob seu domínio a cultura escrita até os últimos anos da Idade Média.

Os manuscritos produzidos pelos escribas e copiados pelos copistas eram escritos à mão, o que demandava muito tempo, podendo levar anos para escrever um livro completo. Mas a invenção da imprensa, por Gutenberg no século XV, foi um marco para a difusão do conhecimento. Tornou possível a reprodução de livros de forma mais rápida e o acesso à leitura para um maior número de pessoas. Esse fato também provocou modificação na função de reprodução de manuscritos, realizada pelos copistas, que aos poucos foi removida da biblioteca e passou a ser feita em oficinas especializadas (ORTEGA, 2004). Desse modo, “os livros passaram a ser material de consumo e de uso doméstico, deixando de ser privilégio de poucos”, segundo Pimentel, Bernardes e Santana (2007, p.19).

2.2 SURGIMENTO DA BIBLIOTECA

A etimologia da palavra biblioteca tem sua origem, conforme Cunha (1997), do grego *bibliothéke*, que provém do latim “*biblio*”, que significa papel ou rolo com escrita, e “*teca*”, depósito. De acordo com o autor, biblioteca, na língua portuguesa, significa depósito de livros, um lugar designado para esta finalidade, ou seja, biblioteca tem a função de armazenar a coleção de informações de quaisquer tipos.

Foi por meio da escrita que o homem percebeu a necessidade de preservar e organizar o registro, e, com isso, o entendimento de um local para armazená-los. As primeiras construções das bibliotecas da antiguidade foram em palácios e em templos religiosos, que eram espaços para a guarda dos materiais, seu caráter era restrito serviam apenas como um depósito de livros. (SANTOS, 2012). Uma das construções mais famosas que se tem notícia, conforme a mesma autora, foi a biblioteca de Alexandria. Acredita-se que esta tenha sido criada no século 3 a.C., durante o reinado de Ptolomeu II, reunindo o maior acervo de cultura e ciência da antiguidade e possuindo um acervo com aproximadamente 700.000 volumes. Deixou, assim, um notável legado para o desenvolvimento da humanidade.

As bibliotecas antigas tinham a peculiaridade de não serem abertas ao público, um dos motivos era para evitar o extravio do acervo. As primeiras bibliotecas, segundo Gasque (2013, p.141), “(...) foram concebidas sob o paradigma da conservação”, as quais tinham “(...) o objetivo de assegurar a preservação e conservação dos materiais”. Sendo assim, as bibliotecas não se preocupavam com a disseminação da informação e exerciam apenas a função de depósitos ou coleção de livros.

Com a invenção da prensa de tipos móveis, por Gutenberg, e o consequente aumento na produção da informação, houve a criação de diversas universidades e o desenvolvimento de suas bibliotecas. Mas a ideia de biblioteca aberta para a comunidade, como as atuais, conforme Santos e Rodrigues (2013, p.119), ganhou impulso no século XVII na Europa e depois nos Estados Unidos. A biblioteca era formada por acervos gerais de livros e aberta gratuitamente à população, mas não era permitido fazer empréstimo de livros. A partir de então, a biblioteca pública começou a representar a modernidade, em oposição às bibliotecas da Antiguidade e da Idade Medieval. Nessa nova conjuntura, o bibliotecário passou a ser ainda mais

importante, não só por garantir o seu bom funcionamento, mas para atender o usuário, que começava a frequentar esse novo modelo de biblioteca, antes mesmo do papel de destaque das bibliotecas públicas na modernidade.

Para um melhor desempenho de suas funções, o bibliotecário começou a utilizar procedimentos padrão. Conforme os mesmos autores (SANTOS; RODRIGUES, 2013), Gabriel Naudé (1600-1653) foi o criador do primeiro manual de orientação para gestão de biblioteca e, com isso, valorizou o trabalho do bibliotecário como profissional especializado no assunto. O manual criado por Naudé visava a sanar problemas específicos da biblioteca e facilitar o trabalho do bibliotecário. Com o passar do tempo, foram surgindo vários tipos de bibliotecas de acordo com suas funções, tais como: universitária, especializada, comunitária, escolar, entre outras. Como reflexo dos avanços tecnológicos da atualidade, surgiram também outros tipos: biblioteca digital, repositórios digitais, bases de dados, catálogos colaborativos e diversas outras modalidades, que demandam do bibliotecário um trabalho cada vez mais especializado, o qual o transforma em verdadeiro profissional da informação.

2.3 O PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO

A profissão do bibliotecário surgiu devido à necessidade, sentida pelo homem, de registrar, comunicar e preservar o conhecimento ao longo do tempo. Mas, no transcorrer do tempo, foi aumentando a quantidade de registros da informação – publicações de todos os tipos –, o que demandava conhecimentos cada vez mais especializados voltados à preservação e à organização dos registros. A finalidade de tais registros também foi mudando, passando estes a serem usados também para o lazer, e não apenas com a finalidade administrativa. Foi assim que os suportes foram evoluindo até chegar aos livros físicos e, posteriormente, aos digitais. Conforme Rocho (2007, p.27) “(...), esta informação registrada ajudou o homem a desenvolver-se cultural, econômica e tecnologicamente”, assim:

A escrita sempre foi capaz de se adaptar aos novos suportes (...) e continua sendo a ferramenta fundamental para disseminação e desenvolvimento do conhecimento, e ela também continua sendo nosso melhor instrumento de comunicação (ROCHO, 2000, p. 27).

Por esses motivos, tornou-se imprescindível a existência de um profissional com a incumbência da guarda, organização, recuperação e disponibilização desses registros. Em vista disso, em 1821 foi criado na França o primeiro curso da área de Biblioteconomia. Já no Brasil, o primeiro curso surgiu na cidade do Rio de Janeiro em 1911, sob a responsabilidade da Biblioteca Nacional (CASTRO, 2000).

Até então, a função de bibliotecário era exercida por intelectuais que não tinham formação específica, ou seja, tal função era exercida

(...) principalmente por escritores e poetas que tinham a função de guardar, organizar, conservar, classificar e catalogar os livros (...) A imagem do bibliotecário estava intrinsecamente ligada à biblioteca e aos livros. (ROCHO, 2007, p.28).

A profissionalização capacitou o bibliotecário a utilizar procedimentos-padrão, melhorando o desempenho de suas funções na organização e na recuperação da informação, e deixando de ser, aos poucos, exclusivamente um guardião do livro.

Conforme Silveira (2008, p.87) "(...) de Alexandria ao início do século XX, a atividade dos bibliotecários se caracterizou pelo silêncio, pelas arduas práticas de organização do conhecimento, pelo amor ao livro (...)".

Com o desenvolvimento tecnológico, na segunda metade do século XX houve o crescimento na produção de livros e outras publicações. Ademais, com o ensino superior gratuito, a biblioteca passou a ter mais uma característica: local de estudo. Isso colaborou para que o bibliotecário se tornasse reconhecido como parte primordial do crescimento cultural da sociedade, devido à sua responsabilidade na disseminação e recuperação da informação (ROCHO, 2007).

O avanço tecnológico e o aparecimento da biblioteca digital são aspectos que colaboram para uma nova postura de trabalho do bibliotecário. Contribuem para que a sociedade tenha uma visão mais realista desse profissional, tendo em vista a facilidade no acesso à informação, sem limites do tempo e do espaço. Conforme a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias IFLA (2013, p.1) "(...) dentro de uma biblioteca digital coleções são criadas, geridas e disponibilizadas de tal forma a serem facilmente e economicamente disponíveis para uso de uma comunidade (...)".

Assim, a tecnologia é uma ferramenta indispensável para as tarefas rotineiras do profissional bibliotecário, e proporciona aos usuários condições de maior acesso às informações pertinentes às suas necessidades.

2.4 O CINEMA: BREVE HISTÓRIA

O cinema originou-se do jogo de sombras no teatro oriental. As figuras eram projetadas em telas de linho ou em paredes, narravam histórias de seres mitológicos e histórias criadas pela imaginação do homem (MORENO; BASTOS, 2011). Conforme Moreno e Bastos, Leonardo da Vinci projetou a “câmara escura”, como é conhecida atualmente, seu projeto foi finalizado no século XVI, pelo físico Giambattista Della Porta. Muitos outros aparelhos foram criados com o objetivo de captar e reproduzir imagem em movimento, até que se chegasse ao fenacistoscópio, aparelho cinematográfico criado por Joseph-Antoine Plateau, em 1832. A partir dessa contribuição surgiu em 1895, o cinematógrafo, criado pelos irmãos Auguste e Louis Lumière. Seu diferencial, em relação aos inventos anteriores, estava na capacidade de projetar as imagens para um público maior.

Até esse momento, segundo as autoras, o cinema era mudo. Os principais gêneros produzidos no período foram: documentário, ficção, melodrama e comédia. Em 1926, o som foi incorporado, tornando o cinema uma arte mais expressiva, proporcionando maior interesse comercial e com visão nos lucros das produções.

O cinema baseia-se em imagens, que estão diretamente associadas à comercialização de produtos:

Esta cultura de massa recebeu o nome de Indústria Cultural como um meio de manipular consciências e propagar a ordem social e cristalizar atitudes ou opiniões nos indivíduos (...) se respalda na lógica do mercado, na qual se faz uso demasiado de estereótipos e padrões com a intenção de vender produtos com mais facilidade. (ROCHO, 2007, p.24).

A sétima arte¹, como o cinema é conhecido, além de ser uma forma de expressão artística, constitui um grande entretenimento popular e uma das mídias mais influentes. Por ter o grande atrativo de ser imagem em movimento e de reunir narrativa com som, diálogos, sonoplastia, música, cores, efeitos especiais, e muitos outros recursos, o cinema tem também o poder de informar, comunicar, e formar

¹ O crítico francês de cinema Ricciotto Canudo, em 1911, produziu um documento que se chama Manifesto das Sete Artes, no qual listou o Cinema como a sétima Arte, a ordem listada por ele como primeira Arte: Música, segunda Pintura, terceira Escultura, quarta Teatro, quinta Literatura e sétima arte, Cinema. Disponível em: <http://www.oteatrodavidia.blogspot.com.br>. Acesso em: 10 nov.2016.

opiniões. Nesse sentido, serve à veiculação de histórias tanto verídicas como fictícias, à fixação de imagens, ideias e estereótipos. Por isso, tem contribuído às ideias que as pessoas passam a ter sobre eventos históricos, episódios, e profissões, como, por exemplo, a do bibliotecário.

3 METODOLOGIA

A metodologia empregada foi de cunho qualitativo, tendo o estereótipo do bibliotecário como objeto de análise, e o cinema como fonte para a coleta de dados. Nessa perspectiva, foi feita uma seleção de filmes que proporcionasse elementos para a análise pretendida (FONSECA, 2002).

3.1 TEMÁTICA E PASSOS DA PESQUISA

A temática dessa pesquisa é o bibliotecário em tela: a avaliação de estereótipos construídos em produções cinematográficas. Para coleta de dados, foi realizada uma seleção de filmes em que a imagem do bibliotecário fosse representada. Após feita esta seleção, o passo seguinte foi separar filmes de vários períodos. Logo realizou-se a observação e posterior transcrição visual do ambiente para fins de estudo. Para melhor visualização, elaborou-se uma tabela ilustrativa dos dados levantados. Os dados quantitativos foram usados como melhor ponto de partida para analisar as informações pesquisadas.

O estudo teve como base películas cinematográficas, de onde foram extraídos os dados, juntamente com livros, artigos de periódicos e materiais disponibilizados na internet, já citados na revisão de literatura e que compõem a fundamentação desse estudo.

3.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para melhor visualização dos dados, foi elaborado um quadro contendo informações técnicas acerca do filme, como sinopse, título original, diretor, roteirista, gênero, nome do ator que interpreta o bibliotecário, ano e país onde o filme foi produzido.

Foi assistido um total de seis filmes para a realização da pesquisa, independente do papel desenvolvido pelo bibliotecário, seja como protagonista ou coadjuvante. O foco era elucidar a imagem do bibliotecário nos filmes, em diferentes épocas. A sinopse foi obtida com a ferramenta de busca Google.

Segue abaixo a lista dos filmes utilizados na pesquisa.

Título Original:

- 1- *Le nom de la Rose*
- 2- *Agora*
- 3- *Storm Center*
- 4- *Ghostbusters*
- 5- *Robot and Frank*
- 6- *Soylent Green*

Título em português brasileiro:

- 1- O nome da rosa
- 2- Alexandria
- 3- No despertar da tempestade
- 4- Os caça-fantasmas
- 5- Frank e o robô
- 6- No mundo 2020

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

De acordo com a metodologia adotada, apresenta-se, abaixo, a descrição e análise dos filmes selecionados, que serão apresentados em ordem sequencial, de 1 a 6. Conforme veremos em seguida, por meio das discussões sobre estereótipo do bibliotecário divulgado pelo cinema, é perceptível que essa imagem tem se perpetuado ao longo do tempo, mesmo não correspondendo à realidade atual. Observa-se que o foco principal do bibliotecário não é mais o acervo, mas o usuário, e, ao mesmo tempo, a difusão da informação passa a ter mais relevância que a conservação dos livros (ROCHO, 2007).

Apesar das mudanças sociais e do desenvolvimento tecnológico, o bibliotecário ainda carrega certa imagem de monge medieval, como reproduzido no filme, *Le nom de la rose* (O nome da rosa).

4.1 O NOME DA ROSA

A história passa-se num mosteiro beneditino, durante a Alta Idade Média (1327), na Itália, período em que o registro do conhecimento estava sob o domínio da Igreja Católica.

O filme retrata o período em que a biblioteca era de caráter particular e controlada pela Igreja. A vantagem é que boa parte do acervo dessas bibliotecas preservou, para as futuras gerações, o legado histórico-cultural da Antiguidade. Mas a desvantagem é que a Igreja não tinha interesse em difundir a informação, por temor de que a sociedade questionasse as intenções religiosas. Prova disso era a sua localização no alto da torre do monastério, cujo trajeto era um verdadeiro labirinto. Sua intenção era dificultar e impedir o acesso das pessoas, até mesmo de alguns monges, de modo a manter a informação restrita a um pequeno grupo de pessoas privilegiadas. É importante lembrar que a biblioteca tinha registros pagãos, o que, em princípio, estaria vedado ao público, para evitar que se questionasse a doutrina católica (BURKE, 2002).

O monge que exerce a função de bibliotecário, nesse filme, estava preocupado com a guarda e conservação da informação, ou seja, era o guardião dos

livros. Esta característica ainda permanece, em grande parte, no imaginário da atual sociedade. Conforme Rocho (2007, p,35-36), “Esta visão (...) é igualmente retratada pelo cinema (...) usa o estereotipo como forma de ser o mais verossímil possível”.

Quadro 1 – *Le nom de la rose*

Ficha técnica do filme	
Título original	<i>Le nom de la rose</i>
Direção	Jean-Jacques Annaud
Roteiro	Andrew Birkin; Gérard Brach
Elenco	Sean Connery; F. Murray Abraham e Christian Slater
Bibliotecário	Monge Jorge
Gênero	Drama e suspense
Ano de produção	1986
País	França, Itália e Alemanha
Sinopse	<p>“Em 1327 William de Baskerville, um monge franciscano e Adso von Melk, um noviço, chegam a um remoto mosteiro no norte da Itália. Baskerville pretende participar de um conclave para decidir se a Igreja deve doar parte de suas riquezas, mas a atenção é desviada devido as várias mortes que acontecem depois que alguns curiosos visitam a biblioteca do mosteiro. Baskerville começa a investigar o caso. Os mais religiosos acreditarem que é obra do Demônio. Mas antes que ele conclua as investigações, o Grão-Inquisidor, chega no local e está pronto para torturar qualquer suspeito de heresia que tenha cometido assassinatos em nome do Diabo. Esta batalha, junto com uma guerra ideológica entre franciscanos e dominicanos, é travada enquanto o motivo dos assassinatos é lentamente solucionado”</p>

Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-2402/>

4.2 ALEXANDRIA

O filme relata a história da astrônoma, filósofa e matemática Hipátia, entre os anos 355 a 415 d.C. Retrata a biblioteca de Alexandria, uma das mais importantes e fabulosas do mundo antigo. Foi considerada o centro do saber grego e uma das principais fontes de conhecimento da época. Hipátia ensina na Escola de Alexandria, que fica junto à biblioteca. Devido a vários enfrentamentos entre cristãos, judeus e a cultura greco-romana, os cristãos passam a dominar a cidade e obrigam as pessoas a se converterem ao cristianismo. Hipátia, por não ceder à pressão religiosa, foi brutalmente assassinada pelos cristãos.

O filme passa-se em torno da biblioteca mais famosa da época. Uma das cenas apresenta estantes bem organizadas e com muitos rolos de papiro, no momento em que Hipátia busca salvá-los do ataque e da destruição iminente pelos cristãos. Conforme Lopes (2013), a biblioteca de Alexandria sempre possuiu um responsável para cuidar do acervo, temos como exemplo Calímaco, que foi designado bibliotecário, sendo um dos primeiros a exercer esta atividade, e que permanece conhecido até os dias atuais, por ter elaborado o catálogo da biblioteca. Porém, neste filme, a presença e a atuação do bibliotecário são completamente ignoradas, é um ser invisível diante das câmeras.

Quadro 2 – *Agora*

Ficha técnica do filme	
Título original	<i>Agora</i>
Direção	Alejandro Amenábar
Roteiro	Alejandro Amenábar, Mateo Gil
Elenco	Rachel Weisz, Max Minghella, Oscar Isaac
Bibliotecário	Sem a representação desse personagem
Gêneros	Drama, Aventura, Histórico
Ano de produção	2009
País	Espanha

Sinopse	“Alexandria ano 391. Hipátia ensina astronomia, filosofia e matemática. Seu aluno Orestes está apaixonado por ela, assim como o seu escravo pessoal Davus. Juntos, eles lutam contra extinção da biblioteca local e outras grandes instituições, que não devem sobreviver quando o Cristianismo ganha poder político na cidade”.
---------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-134194/>

4.3 NO DESPERTAR DA TORMENTA

A história de Alicia Hull é contada: bibliotecária de uma pequena cidade, seu trabalho era despertar as crianças para o mundo dos livros e manter a biblioteca em ordem. Foi acusada, pelo político Paul Duncan, de ser comunista, por ter negado a retirada de um determinado livro do acervo. Com isso, toda a cidade ficou contra a mulher. Freddie, o menino mais próximo da bibliotecária, decidiu incendiar a biblioteca. Enquanto a biblioteca ardia em chamas, as pessoas percebem que haviam cometido um erro com a bibliotecária, e a convidaram para trabalhar na nova biblioteca, que seria construída.

Este filme mostra a imagem de uma bibliotecária preocupada em estimular, nas crianças, o prazer pela leitura, como também seu posicionamento forte e positivo diante dos problemas. A conduta da bibliotecária Alicia Hull corrobora a afirmativa de Barreto (2002, p.56): “(...) o bibliotecário deve estar consciente deste fazer, consciente que é um agente de mudanças”. Mas, apesar disso, o filme não deixa de mostrar o estereótipo característico da mulher sisuda, solteirona e com vestimentas peculiares.

Quadro 3 – *Storm center*

Ficha técnica do filme	
Título original	<i>Storm center</i>
Direção	Daniel Taradash
Roteiro	Elick Moll, Daniel Taradash
Elenco	Bette Davis, Kevin Coughlin, Kim Hunter, Brian Keith,

	Paul Kelly, Katheryn Grant
Bibliotecária	Alicia Hull
Gênero	Drama
Ano de produção	1956
País	Estados Unidos
Sinopse	“A bibliotecária Alicia Hull, de uma pequena cidade é demitida quando se recusa a retirar da biblioteca o livro <i>O sonho comunista</i> , a pedido do conselho municipal, e por isso é acusada de subversiva. Esse período era caracterizado pelo Macarthismo e a caça às bruxas. Mas o juiz Ellerbe acha que ela foi tratada injustamente e convoca uma reunião com os moradores locais. Paul Duncan um jovem político ambicioso, vê na reunião uma oportunidade para se projetar e começa a pregar que a bibliotecária é comunista. Por esse motivo, os moradores são influenciados por ele. A biblioteca logo é incendiada”.

Fonte: <http://biblioteconomiamaranhense.blogspot.com.br/2011/05/filmes-com-bibliotecarios-como.html>

4.4 OS CAÇA – FANTASMAS

Três parapsicólogos desempregados, Ray, Egon e Peter, decidem montar seu próprio negócio: uma agência caçadora de fantasmas na cidade de Nova York. Estranhos fenômenos começam a acontecer logo na primeira cena do filme numa biblioteca. Um fantasma faz grande alvoroço, bagunçando as fichas que estavam todas devidamente arrumadas nas gavetas, troca os livros das prateleiras, causando um verdadeiro transtorno para a bibliotecária que mantém a biblioteca muito bem organizada. Assustada com o ocorrido, chama os caçadores de fantasmas. Ao chegarem na biblioteca, deparam-se com um fantasma com as características de bibliotecária, ou seja, mulher idosa com óculos, coque, vestido de manga comprida abaixo do joelho e gesticulando silêncio com a mão, enquanto lê um livro.

Vale lembrar que naquela década a tecnologia de informação já estava tomando

proporções cada vez maiores na área de atuação dos bibliotecários. O perfil tradicional estava perdendo espaço para o moderno profissional da informação (CASTRO, 2000, p.103). Mesmo assim, a imagem divulgada acerca do bibliotecário preocupado com a organização dos documentos e com o silêncio da biblioteca não deixou de ser frisado de forma bem-humorada no filme, por certo como um meio de manter vivo no imaginário coletivo que a preocupação do bibliotecário está em guardar os documentos e manter o acervo organizado e não como mediador de seu acesso. Diante disso, se percebe que o cinema ainda preserva a imagem do bibliotecário distante dos recursos tecnológicos e dos usuários.

Quadro 4 – *Ghostbusters*

Ficha técnica do filme	
Título original	<i>Ghostbusters</i>
Direção	Ivan Reitman
Roteiro	Dan Aykroyd, Haroud Ramis, Peter Torokvei
Elenco	Bill Murray, Dan Aykroyd, Harold Ramis, Sigoumey Weaver
Bibliotecária	Alice Drummond (nome da atriz)
Gênero	Comédia
Ano de produção	1984
País	Estados Unidos
Sinopse	“Em Nova York Peter Venkman, Ray Stantz e Egon Spengler, são três cientistas do departamento de psicologia da Columbia University, que se dedicam ao estudo de casos paranormais. Quando a subvenção termina eles são despedidos e Venkman sugere que abram um negócio próprio, a exterminadora de fantasmas "Ghostbusters". Inicialmente eles só têm despesas e nenhum cliente, mas eis que surge Dana Barrett, uma violoncelista que teve uma experiência assustadora em seu apartamento”.

4.5 FRANK E O ROBÔ

Frank vive sozinho numa cidadezinha do interior. Por apresentar perda de memória e algumas debilidades físicas, seus filhos o presenteiam com um robô, com a finalidade de cuidar dos afazeres domésticos e lhe fazer companhia. Frank, por ser um ávido leitor, frequenta diariamente uma biblioteca, a qual está passando por um processo de modernização: a substituição dos livros pela plataforma digital. A bibliotecária, que possui grande apreço pelos livros impressos, é surpreendida por essa informatização em seu local de trabalho, por isso se mostra insatisfeita com a mudança.

A tecnologia vem ocupando seu espaço nas bibliotecas desde o final da segunda guerra mundial. Atualmente, é difícil pensar em bibliotecas sem os recursos tecnológicos, uma vez que esses novos recursos modificaram o antigo espaço percebido como depósito de livros. Conforme Morigi (2005), “(...) a informação deixou de estar estritamente ligada ao livro para ser uma entidade presente em vários suportes”. Desde o surgimento da evolução tecnológica as bibliotecas, de modo geral, têm se preocupado em modernizar seus serviços. O bibliotecário utiliza com frequência o ambiente digital, pois trabalha com a informação de diferentes formas: avaliando-a, tratando-a e a recuperando. Apesar dos avanços tecnológicos terem alcançado os espaços bibliotecários, o cinema expõe a imagem do profissional como conservador, apegado aos livros físicos e resistente à mudança, como é possível constatar no referido filme.

Quadro 5 – *Robot and Frank*

Ficha técnica do filme	
Título	<i>Robot and Frank</i>
Direção	Jake Schreier
Roteiro	Christopher D. Ford
Elenco	Frank Langella, Susan Sarandon, James Marsden
Bibliotecária	Jennifer
Gêneros	Comédia, Drama, Ficção científica
Ano de produção	2012

País	Estados Unidos
Sinopse	“O filme é passado em um futuro próximo. Frank é um ladrão de joias aposentado que está com perda de memória. Sua única companhia é a bibliotecária da cidade. Ele possui dois filhos adultos que moram em outra cidade, que estão preocupados com o fato do pai não conseguir mais viver sozinho e tiveram a ideia de presenteá-lo com um robô que anda, fala e é programado especialmente para ajudar no desenvolvimento da saúde mental e física do paciente”.

Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-195967>

4.6 NO MUNDO 2020

Devido à superpopulação, o mundo sofre com as altas temperaturas e com a falta de comida natural. O preço dos alimentos chega a valores exorbitantes. As pessoas não têm onde morar e vivem aglomeradas por toda parte da cidade, se alimentam com tablets Soylent Green artificial fornecida pela indústria Soylent. Devido ao assassinato de um executivo da Soylent Corporation, o policial detetive Thorn investiga o caso com seu parceiro, Solomon, e descobre a verdadeira fonte do produto.

Essa produção cinematográfica foi realizada na década de 1970, no entanto, todo o enredo apresenta visão futurista desoladora do século XXI. Solomon, que investiga o assassinato do executivo, precisa de maiores esclarecimentos para elucidar o caso. Para tanto, fez-se necessário ir a uma biblioteca para buscar informações com a bibliotecária. Essa cena demonstra positivamente a figura do profissional, visto que sua atuação entrou em conformidade com suas atividades. É incomum a aparição do bibliotecário como um profissional da informação atuando como uma ponte entre o conhecimento e quem o busca. No entanto, a imagem clássica de uma senhora com roupas fechadas e semblante sério não deixou de ser destacada no filme. Desse modo, o cinema ainda conserva a visão equivocada do estereótipo já a fim de causar identificação com o público (ROCHO, 2007).

Quadro 6 – *Soylent Green*

Ficha técnica do filme	
Título original	<i>Soylent Green</i>
Direção	Richard Fleischer
Roteiro	Stanley R. Greenberg
Elenco	Charlton Heston, Leigh Taylor-Young, Chuck Connors, Joseph Cotton, Brock Peters, Edward G. Robinson, Whit Bissell, Dick Van Patten
Bibliotecário	Nome do personagem não identificado
Gêneros	Ficção científica, mistério
Ano de produção	1973
País	Estados unidos
Sinopse	<p>“No ano de 2022 O mundo superpopuloso sofre com o aquecimento e o efeito estufa. Todos são obrigados a morar nas cidades e sofrem com a falta de comida. Um pote de geleia de morangos custa 150 dólares, de modo que a maioria das pessoas ingere uma comida artificial conhecida como Soylent Green. Quando o policial detetive Thorn investiga um estranho caso de morte que envolve um executivo da Soylent Corporation, ele descobre algo estarrecedor”.</p>

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=gczbQemsizY>

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a pesquisa tenha atingido os objetivos propostos, é importante salientar que possui possibilidades e limitações. Dentre as possibilidades, pode ser considerada a realização de novos estudos sobre o tema, já que a profissão vem passando por modificações contínuas, e estas não parecem estar sendo suficientemente retratadas nas produções cinematográficas. Quanto às limitações, uma dessas se refere à complexidade de localizar videolocadoras abertas ao público. As encontradas abertas, possuem acervo limitado, principalmente com relação aos filmes que antecedem a década de 1970.

O cinema é um meio pelo qual os cineastas se expressam cultural, artística e ideologicamente. Sua ideologia está em manter seu público e, dessa forma, faz uso dos estereótipos por meio dos personagens com a intenção de instigar o interesse do público. A imagem propagada pelo cinema geralmente é tida como verdade, porém nem sempre corresponde à realidade. Conforme Rocho (2007, p.78), “(...) a fixação do estereótipo se dá através da repetição, que cria uma compreensão de identidade ao redor da imagem (...) educando o olhar, os sentidos e a imaginação”.

Após a análise dos filmes selecionados, foi possível constatar que o estereótipo do profissional bibliotecário continua resistente ao tempo, fato que pôde ser observado em cada filme, de diferentes épocas de lançamento. As características predominantes na representação da imagem do bibliotecário foram as concepções negativas desse profissional como conservador, acomodado, semblante sisudo, resistente à mudança, com foco no acervo, vestimentas fechadas. Contudo, houve uma mescla de comportamentos nos quais foram destacadas características positivas nos filmes:

Frank e o robô, No despertar da tormenta e No mundo 2020, tais como: decidido, corajoso, incentivador, capacitado, dedicado e organizado.

A produção cinematográfica expõe ao público a imagem que lhe favorece, no entanto não é de seu interesse mudar os clichês já construídos socialmente. Sendo assim, o cinema encarrega-se de manter a imagem que a sociedade tem a respeito do profissional, mesmo que a realidade seja outra. Portanto, é fundamental que o bibliotecário se adapte às transformações que surgem na sociedade, a fim de desempenhar suas funções junto a ela para tornar conhecidos os seus serviços. Conforme Almeida Júnior (1997, p.92) “(...) o trabalho do bibliotecário pode e deve

alterar pensamentos e comportamentos, é preciso que ele vá até a população, que procure o povo e que trabalhe com a comunidade”.

O bibliotecário atuante no ambiente em que está inserido contradiz as imagens divulgadas pela mídia cinematográfica, podendo influenciar o modo como o cinema o caracteriza. Vale lembrar também que qualquer imagem se fixa na mente. A mudança do estereótipo se torna um processo laborioso e leva tempo. Portanto, cabe ao bibliotecário promover mudanças de conduta como formas de modificar sua imagem. Em concordância com Oliveira (1983, p.68), “(...) entendemos ser o próprio bibliotecário, o responsável por expandir seu espaço na sociedade e tornar valorizados os seus serviços”.

Embora seja sua responsabilidade a conquista de uma imagem mais visível, é importante salientar que, na escola, por exemplo, o seu campo de atuação torna-se restrito. Isso devido à escassez de bibliotecas no ambiente escolar, e nas escolas que as possuem é normal encontrar profissionais sem a formação adequada ocupando esses espaços. A realidade atual do Brasil é que a atividade do bibliotecário é bem limitada nas escolas e em muitas instituições, em que a ausência de um profissional qualificado interfere no conhecimento do aluno sobre quem é, o que faz e qual a importância do bibliotecário. Conforme Oliveira (2010, p. 45):

É importante lembrar que o estereótipo do bibliotecário vem de experiências ruins com o público [...] muitas vezes na infância as bibliotecas são consideradas como lugar de castigo nas escolas, e esses tipos de atitude [...] causam certo trauma para a criança, que no futuro mesmo que inconsciente terá aversão ao ambiente da biblioteca.

A falta de chances para a população conhecer as atividades e competências que o bibliotecário desenvolve, contribui para que o bibliotecário continue distante e sem ter seu devido valor reconhecido. Mas esta situação pode ser atenuada com a aplicação da Lei nº 12.244 – Universalização das bibliotecas escolares no Brasil. Conforme esta Lei as escolas públicas e privadas devem ter bibliotecas administradas por profissionais com bacharelado em Biblioteconomia, onde cada biblioteca escolar deve ser obrigada a ter um bibliotecário. Essa Lei visa garantir que nenhum outro profissional ocupe o cargo que não seja de sua atribuição. Com a atuação mais efetiva dos bibliotecários a visão da sociedade tende a se modificar e aos poucos a imagem negativa formada pelo estereótipo será superada.

Mediante uma ruptura na divulgação da imagem negativa do bibliotecário, e passando a ser divulgada a imagem positiva pelo cinema, a conquista será tanto do bibliotecário, que será reconhecido como um profissional atuante e dinâmico, como para a sociedade, que desfrutará de seus serviços plenamente. Diante de tudo o que foi pesquisado, observado e estudado, fica para o bibliotecário o desafio de ampliar seu espaço na sociedade e no imaginário das produções.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Sociedade e biblioteconomia**. São Paulo: Polis, 1997. P.129.

BARROS, Moreno. Bibliotecário e e-books. **Revista Biblio. Cultura Informacional**, 2013. Disponível em: <<http://biblioo.info/bibliotecarios-e-ebooks/>>. Acesso em: 15 set. 2016.

BARRETO, A Transferência da informação para o conhecimento. In: AQUINO, M.A. (Org.). **O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades**. João Pessoa: Editora Universitária, 2002. p.49-60.

BURKE, Peter. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. **Estudos avançados** n. 44, v. 16, janeiro-abril 2002. Disponível em: <http://www.ciberscopio.net> >. Acesso em: 30 ago. 2016.

CANFORA, L. **A biblioteca desaparecida: história da biblioteca de Alexandria**. 1996. Disponível em: <pt.slideshare.net/renataoliveirasilva1/a-biblioteca-desaparecida-luciano-canfora>. Acesso em: 25 ago. 2016.

CASTRO, César. **História da biblioteconomia brasileira**. Brasília: Thesaurus, 2000. p. 287.

CUNHA, Antônio. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

FONSECA, Edson N. **A Biblioteconomia brasileira no contexto mundial**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Brasília, DF INL, 1979. p.112. Disponível em: <http://cademica.extrlibis/bibliotecario/a_imagemdobibliotecario_em_a.html> . Acesso em: 15 out. 2016.

GASQUE, Kelley. Centro de recursos de aprendizagem: biblioteca escolar para o século XXI. **Revista digital. Biblioteconomia ciência informação**, Campinas, SP, v. 11, n. 1, p.138-154, jan. /abr., 2013. ISSN 1678-765X. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php>>. Acesso em: 10 set. 2016.

GOMES, Marcos; MOTA, F.; Rosaline L. **Gestão da informação no contexto organizacional**. Maceió, 2007. [Histórico/CRB]. Disponível em: <[Http://www.crb8.org.br/portal_mis/index.php?item_id=17&menu_id=1](http://www.crb8.org.br/portal_mis/index.php?item_id=17&menu_id=1)>. Acesso em: 26 ago. 2016.

LEITE, F. Comunicação e Cognição: os efeitos da propaganda contra intuitiva no deslocamento de crenças e estereótipos. **Revista Ciência & Cognição**, v. 13, p. 131-141, jun. 2008. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/oai_rt?codigo=2557367>. Acesso em: 27 ago. 2016.

LOPES, Marcello. **Tudo que leio**. [Internet]. 2010, mar. Disponível em: <<http://leiovejoopino.blogspot.com.br/2013/10/calimaco-e-biblioteca-de-alexandria.html>>. Acesso em: 28 out. 2016.

Manifesto da IFLA para bibliotecas digitais. Disponível em: <<http://biblioo.info/wp-content/uploads/2012/11/Manifesto-IFLA.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2016.

MEDEIROS, S. Luciel. **A escrita, construção e evolução no tempo**. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-escrita-construcao-e-evolucao-no-tempo/2010_3/#ixzz4Fueml5j4>. Acesso em: 15 ago. 2016.

MORENO, J.; BASTOS, L. O estereótipo do bibliotecário no cinema. In: **Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação**, p. 15, 2012. Anais, Alagoas: UFAL, 2012. Disponível em: <portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/download/2169/1354>. Acesso em: 28 set. 2016.

MORIGI, José; SOUTO, Luzane. Entre o passado e o presente: as visões de biblioteca no mundo contemporâneo. **Revista ABC**. V.10, n.2, p. 189-206, jan. 2006. Disponível em <<http://revista.abccsc.org.br/racb/article/view/432/551>>. Acesso em 08 nov. 2016.

OLIVEIRA, Andriê Bezerra de. **Considerações acerca do estereótipo dos bibliotecários**: apontando mudanças de atitude do profissional frente a sociedade contemporânea. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Biblioteconomia) – Departamento de Biblioteconomia, Centro de Ciências Sociais aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ufrn.br:8080/monografias/bitstream/1/88/1/Andri%C3%AABO_Monografi%20a.pdf>. Acesso em: 20 set. 2016.

OLIVEIRA, Zita. **O bibliotecário e sua autoimagem**. São Paulo: Pioneira, 1983. P.98.

ORTEGA, Cristina. Relações históricas entre biblioteconomia, Documentação e ciência da informação. **Data Grama Zero**, Rio de Janeiro, v.5, n. 3, p. 1-16, out. 2004. Disponível em: <basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/.../0000002048/e908b9a74b0fb8f5aff3bd1881eec6b2>. Acesso em: 21 set. 2016.

PIMENTEL, Graça; BERNARDES, Liliane; SANTANA, Marcelo. O que é uma biblioteca? **Biblioteca escolar**: Curso Técnico de Formação para os Funcionários da Educação. Brasília: Universidade de Brasília, 2007, Cap.2, p. 23. Disponível em: <portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/biblio_esc.pdf>. Acesso em: 12 set. 2016.

PINTO, Virginia B. A biblioteconomia como campo de atuação para o bibliotecário. **Trasinformação**, Campinas, v. 17, n. 1, p. 33-43, jan/abr., 2005. Disponível em: <www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/.../1030>. Acesso em: 10 nov. 2016.

ROCHO, Rodolfo. **O estereótipo do bibliotecário no cinema**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p.24-78, 2007. Disponível em: <[Http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16257/000667029.pdf?sequence=1](http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16257/000667029.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 06 set. 2016.

SANTOS, Ana Paula; RODRIGUES, Mara. Biblioteconomia: gênese, história e fundamentos. RBBB. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 9, n. 2, p.116-131, jan. 2013. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/248>>. Acesso em: 17 set. 2016.

SANTOS, Josiel. O Processo evolutivo das Bibliotecas da antiguidade ao Renascimento. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v. 8, n. 2, p. 175-189, jul. /dez. 2012. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/237/235>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

SALGADO, Denise M.; BECKER, Patrícia. O bibliotecário no olhar do público escolar. **Encontros Bibli**: Revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 3, n. 6, jan. 1998. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/18>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

SILVA, Alda. **A autoimagem do profissional bibliotecário na sociedade contemporânea**: estudo de caso no município de Salvador (BA). 2009. 112f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: <[Https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7926/1/Dissertacao_completa%20AldaSilva.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7926/1/Dissertacao_completa%20AldaSilva.pdf)>. Acesso em: 22, ago. 2016.

SILVEIRA, Fabrício. O bibliotecário como agente histórico: do “humanista” ao “Moderno Profissional da Informação. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 18, n. 3, p. 83-94, set./dez. 2008. Disponível em: < www.ies.ufpb.br > Capa > v. 18, n. 3 (2008) > Silveira>. Acesso em: 20 out. 2013.

TRINDADE, Michelle; MARTINS, Monique. **A função educadora da biblioteca escolar.**

Disponível em: <www.pucpr.br/eventos/educare/educare2006/anaisEvento/docs/CI-065-TC>. Acesso em: 25 set. 2016.

VALENTIM, Marta. O moderno profissional da informação: formação e perspectiva profissional. **Encontros Bibli:** Revista Eletrônica Biblioteconomia *Ciência Informação*, Florianópolis, v. 5 n. 9, p. 16-18, 2000. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/12/5058>>. Acesso em: 28. Ago. 2016.

WALTER, Maria; BAPTISTA, Sofia Galvão. A força dos estereótipos na construção da imagem profissional dos bibliotecários. **Informação & Sociedade:** estudos, João Pessoa, v. 17, n. 3, p. 27-38, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/962/1583>>. Acesso em: 25 ago. 2016.